

MÃOS DADAS

DRA. LAURA MOELLER E DR. VARLEI ANTONIO SERRATTO

*Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.*

*Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente,
os homens presentes, a vida presente.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Em tempos pandêmicos, quando o Sentimento do Mundo correu assustado entre angústias de nova doença, lutos confusos e distanciamento entre as pessoas, o presente se refez na sua apresentação e valores.

Apesar de singelamente termos nos adaptado a saudações com cotovelos, toque de ponta de sapato e *namastes*, sempre apertamos as mãos: damos uns aos outros as mãos como expressão de respeito. Andamos de mãos entrelaçadas quando enamorados por carinho e cumplicidade, uma união fortalecida e quiçá um medo de perda. Não existe nada mais humano que dar as mãos.

Quem nunca se encantou com as mãos de um bebê?

Estendemos as mãos para receber e porque não aproximar o que às vezes se encontra longe.

Supinamos as mãos em orações e pedidos, suplicando; e as pronamos, pendidas e curvadas, mostrando nossa finitude material e respeito ao celestial.

É a mão que nos apresenta, que nos revela, que nos representa!

A humanidade passa pelas mãos, nos conectando e comunicando, com libras e figuras de linguagem.

A Medicina também; doenças são deflagradas por sinais nas mãos. A mão reveladora!

E é esta a coluna do *látrico*, de “mãos dadas”, que tenta humildemente junto com os colegas das diversas especialidades vislumbrar e valorizar a prática clínica através da semiologia nas mãos.

O primeiro contato físico. O nosso primeiro exame físico. E como isto é importante e atualmente esquecido pela prática médica contemporânea, armada – sem mãos – de irrestrito arsenal tecnológico, que dificilmente consegue extrair informações que uma simples mão possa gratuitamente fornecer, seja do examinador, seja do examinado. Tato, pressão, calor, rugor, texturas, tremores e porque não sentimentos que somente uma mão e seus inúmeros receptores podem nos revelar, num desprezioso cumprimento. E muito da semiologia pode ser revelado num cumprimento de mãos.

E vamos lá, compreender os sinais! Por que não?

SINAL DE RUSSEL: úlceras ou escarificações dorsais da superfície das mãos e a presença de calos nos dedos podem ser observadas em decorrência dos vômitos excessivos e foram descritos em 1979 por Gerald Russel. O nome “Sinal de Russel” foi dado a estas lesões que ocorrem como resultado de um trauma na pele, secundário ao uso das mãos como instrumento indutor dos vômitos. As lesões podem aparecer em qualquer lugar do dorso das mãos, muito embora se situem mais usualmente na junção metacarpo-falangeana. Podem ser superficiais ou progredirem para calosidade hiperpigmentada com escarificações. ⓘ

